

# Violência Doméstica/Conjugal em Belo Horizonte: Uma Perspectiva Exploratória da Vitimização\*

**Keli Rodrigues de Andrade**

Graduanda do Curso de Ciências Sociais/ UFMG

**RESUMO:** O tema da *violência doméstica* vem ganhando espaço tanto na mídia quanto em debates acadêmicos, principalmente naqueles ligados à sociologia da violência e à questões de gênero. Entretanto, apesar de ser notório o impacto deste tipo de violência tanto para as vítimas em si, quanto para a estrutura familiar de um modo geral, existem poucos estudos específicos quantitativos e alguns estudos qualitativos que evidenciem a situação da cidade de Belo Horizonte em relação ao fenômeno. O objetivo central deste trabalho é *explorar e analisar a bateria referente à violência doméstica/conjugal, parte integrante da Pesquisa de Vitimização de Belo Horizonte realizada pelo CRISP/UFMG em 2002*. A idéia partiu da necessidade de construção do perfil das vítimas de violência doméstica na cidade de Belo Horizonte, bem como da identificação dos principais tipos de agressão perpetrados no âmbito doméstico.

**ABSTRACT:** The *domestic violence* theme is attracting the attention of the media and academic debates circles, mainly if we consider it linked with sociology of violence and other related subjects. Although, even with its huge impact to the victims and, in a general way, to the family structure, there are just a few specific quantitative studies about it, with some qualitative studies evidencing the situation of the city of Belo Horizonte on that aspect. The main target of this project is *to explore and analyze domestic/conjugal violence reports, produced by the Belo Horizonte Victimization Survey sponsored by CRISP/UFMG back in 2002*. The idea emerged from the demand of producing a domestic violence victims profile for Belo Horizonte city, with identification of the main aggression types found at domestic environment.

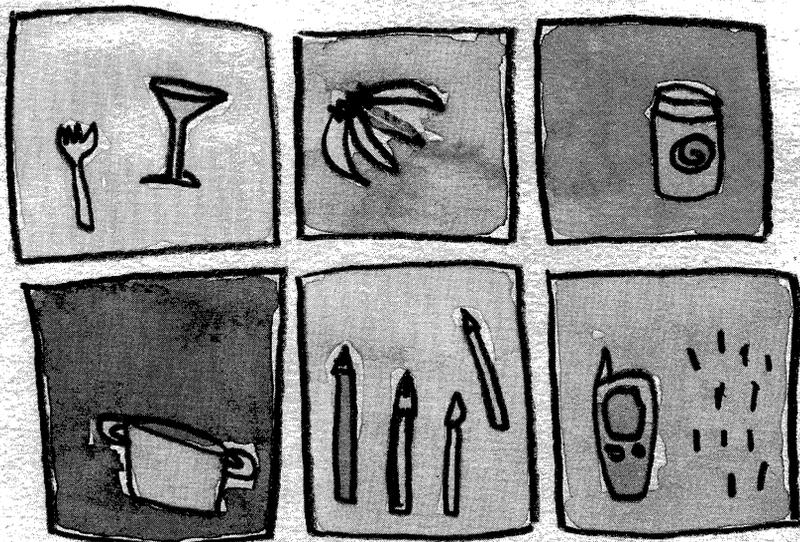
## Introdução

O tema da violência e criminalidade já vêm há algum tempo ganhando destaque nos meios de comunicação de massa. Diversas são as matérias em jornais, revistas e noticiários de TV sobre roubos, assaltos, seqüestros-relâmpago, estupro, rebeliões em presídios, homicídios etc., o que muitas vezes leva a população a identificar a violência como um grave problema da atualidade.

Também no âmbito das ciências sociais este tema tem sido amplamente discutido. Existe gama considerável de autores, que vão desde clássicos (E. Durkheim, F. Engels e A. Quetelet), passando por grupos de pesquisadores, como os integrantes da Escola de Chicago, até autores das décadas de 1960/70 (R. Merton, E. Goffman,

F. Ferracuti, M. Wolfgang etc.) que desenvolveram teorias sobre criminalidade para explicar o fenômeno, bem como os motivos e/ou características e influências que levariam um indivíduo a tornar-se agente criminoso.

Partindo deste quadro de referência a grande maioria das teorias de criminalidade centram sua atenção no agente e nas características dos crimes. Como argumenta Siegel (2004), por muito tempo as vítimas não eram consideradas tópico importante nos estudos de criminologia, eram consideradas "recipientes" passivos desses crimes, que simplesmente estavam em locais errados em horas erradas. Nos anos 60, estudos pioneiros mostraram como o comportamento das vítimas era importante na ocorrência



\*Agradecimentos especiais à prof. Marlise Matos, orientadora e principal incentivadora e deste trabalho; e ao CRISP por ceder a base de dados da Pesquisa de Vitimização de Belo Horizonte/2002

de crimes. Mas, a não ser em estudos embasados em pesquisas de vitimização, a situação da vítima não é analisada em profundidade, apesar do seu comportamento ser componente fundamental para a consumação do ato criminoso e, portanto, também fundamental para a explicação da dinâmica em que o mesmo se dá.

Entretanto, as pesquisas de vitimização e as análises que delas têm se originado no Brasil vêm explorando, com um maior número de detalhes, situações de vitimização relacionadas a roubos, furtos, agressão física e sexual, invasão/roubo de domicílio (tentados e consumados), como ocorre, por exemplo, no artigo *Crime, oportunidade e vitimização* de Beato *et alii* (2004). Neste artigo são explorados os resultados relativos a crimes como furto, roubo e agressão obtidos na pesquisa de vitimização de Belo Horizonte (CRISP/2002) à luz das teorias denominadas de *teoria de estilo de vida* e *teoria das oportunidades*. Estas teorias destacam cinco fatores que influenciariam o risco de uma pessoa se tornar vítima: *a exposição; a proximidade entre vítima e agressor; a capacidade de proteção; os atrativos das vítimas e a natureza dos delitos*.

Em detrimento de sua importância e impacto social, em nosso país a violência que ocorre em ambiente familiar tem recebido destaque menor nas pesquisas de vitimização. Embasado na constatação desta lacuna, o presente artigo tem o propósito de tratar a questão da violência traçando como recorte *a violência doméstica/conjugal na cidade de Belo Horizonte*, explorando as informações obtidas na pesquisa de vitimização de Belo Horizonte (CRISP/2002). Além disso, será feita uma comparação entre os dados encontrados nesta pesquisa e as estatísticas oficiais do Anuário Estatístico da Polícia Civil de Minas Gerais/2001, para que se obtenha a chamada *cifra oculta* que é a diferença entre os registros oficiais e os dados da pesquisa, que aproximam-se mais do que realmente ocorreu na realidade.

Apesar da existência de alguns estudos de âmbito nacional, como a pesquisa *A mulher brasileira nos espaços públicos e privado* (2001) da Fundação Perceze Abramo, existe uma lacuna de estudos quantitativos que tenham a violência doméstica como foco central. Daí a importância deste trabalho que pretende justamente explicitar estatísticas relacionadas a este tipo de violência na cidade de Belo Horizonte. Cabe aqui destacar que as situações de vitimização relacionadas à violência doméstica, necessariamente, envolvem questões de gênero. Portanto, a presente análise terá como base as teorias de gênero e conceitos tais como o de *desigualdade de gênero e patriarcado*.

### **Criminalidade, Violência e a Questão do Gênero: Algumas Abordagens Teóricas e Práticas**

Estudos sistemáticos sobre violência no Brasil demonstram um aumento considerável nas taxas de criminalidade violenta. De acordo com *Atlas de Criminalidade de Belo Horizonte. Diagnósticos perspectivas e sugestões de programas de controle* (CRISP/2003) este aumento se intensificou nos últimos dez anos. Ainda nesse sentido, Njane *eti alli* (1999) argumenta que a partir da década de 80 a violência mudou o perfil de mortalidade no país. Homicídios e acidentes de trânsito, que até então estavam em quarto lugar, passaram a ocupar o segundo nas causas de morte dos brasileiros. Além disso, torna-se importante salientar que grande parte das ocorrências deste tipo não são registradas oficialmente.

Se muitas vítimas de agressões sofridas no trânsito, em pequenos assaltos e em discussões do cotidiano não chegam a denunciar seus agressores, isto se agrava em relação à questões de gênero, pois é possível pensar que esta omissão ocorra de modo ainda mais freqüente em relação às vítimas de violência doméstica, intra-familiar e conjugal.

De acordo com Saffioti (2004), a omissão em relação à violência ocorrida em ambiente doméstico é explicada por dois motivos principais: um deles é a vergonha que a vítima sente em relação a agressão sofrida, que pode ser ampliada quando o caso é exposto. O segundo está ligado ao modo como a sociedade, de um modo geral, concebe a instituição família e dita as regras de comportamento em relação aos problemas que a envolvem, estabelecendo verdadeiro pacto de silêncio sobre aquilo que se vivencia "entre quatro paredes".

A concepção de família ainda hoje é influenciada por critérios tradicionais que fazem uma relação estreita da família com elementos místicos. Considerada como uma instituição envolta pelo "sagrado", ela deve permanecer preservada a todo custo, incluindo a manutenção do silêncio em relação à agressões e abusos entre parceiros, pais e filhos etc. Permanecem também noções de uma clara superioridade do homem (provedor/chefe da família) em relação à mulher (mãe/cuidadora da família).



A postura de preservação da instituição familiar ancora-se em duas dinâmicas principais: por um lado, nas estruturas de dominação patriarcal, da qual nossa sociedade carrega diversos traços e, por outro, nas relações de desigualdades de gênero (diferenças salariais, clara divisão de tarefas entre os sexos etc.) também presentes em nossos tempos, guardando forte ligação com as hierarquias do patriarcalismo.

Antes de prosseguir com a análise dos dados referentes à vitimização conjugal em Belo Horizonte, torna-se necessário tecer alguns breves esclarecimentos. Principalmente porque, como aponta Saffioti (2004), existe um impasse teórico entre estudiosos e feministas impedindo uma interlocução clara entre os adeptos(as) do conceito de *patriarcado* e aqueles(as) que privilegiam o uso do conceito de *gênero*.

É importante salientar que este artigo propõe a utilização simultânea dos dois conceitos, uma vez que, ainda de acordo com Saffioti, o conceito de *gênero* é mais amplo que o de *patriarcado*. O primeiro, pode compreender relações igualitárias. Já no segundo, "as relações são hierarquizadas entre seres socialmente desiguais" (2001, p. 14)

### Sobre o Conceito de Patriarcado

O *patriarcado* pode ser compreendido como um modo de pensar que se define assimetricamente, ou seja, a desigualdade e a dominação do homem sobre mulher é inerente ao conceito. Este modo de pensar cristaliza-se nas consciências, impossibilitando enxergar outra possibilidade que não a superioridade/poder/dominação/exploração e opressão do homem sobre a mulher. Como argumenta Saffioti (2001), o patriarcado tem a capacidade de penetrar em todas as demais instituições, inclusive no Estado, no corpo e na psiquê dos indivíduos, sendo até legitimado pelo estatuto científico de determinados conhecimentos.

Evidentemente, por ser este um fenômeno social, o patriarcado está em permanente processo de transformação (SAFFIOTTI, 2004). Assim, na atualidade, o patriarcado não é mais exercido enquanto pátrio-poder, como no caso da Roma Antiga, onde o patriarca detinha poder de vida e morte sobre sua esposa e filhos. Além disso, as mulheres já vêem reconhecidos parte de seus direitos políticos (como, por exemplo, o direito ao voto), e cada vez mais ocupam espaço no mercado de trabalho, chegando muitas vezes a chefiar suas famílias.

Entretanto, as mulheres continuam submetidas a inúmeras formas de preconceito, cerceamentos e violências advindos de uma cultura machista viva nas instituições sociais e na sociedade como um todo. Nas palavras de Saffioti:

*"... patriarcado exprime, de uma só vez, o que é expresso nos outros termos, [referindo-se aos conceitos de dominação masculina, falocracia ou falocentrismo] além de trazer estampada de forma muito clara a força da instituição, ou seja, de uma máquina bem azeitada, que opera sem cessar e, abrindo mão de muito rigor,*

*quase automaticamente. (...) observam-se (...) diferenças de grau no domínio exercido por homens sobre as mulheres. A natureza do fenômeno, entretanto, é a mesma".* (2001, p.03)

Como argumenta M. Chauí (1985), as mulheres são definidas e educadas como seres para os outros. Por outro lado, os homens são definidos e educados como seres com *os outros*. Este argumento encaixa-se bem à proposição de Welzer-Lang, quando este afirma que "*a opressão das mulheres pelos homens é um sistema dinâmico no qual as desigualdades vividas pelas mulheres são os efeitos das vantagens dadas aos homens.*" (2001, p. 461). A existência da dominação masculina é uma evidência clara nos dias atuais, inclusive sendo bastante debatida na sociologia em estudos de autores como P. Bourdieu, A. Giddens etc.

Partindo da perspectiva de que o patriarcado seria um caso específico das relações de gênero, outro ponto importante colocado por Saffioti ao citar Pateman é que este conceito seria o único que:

*"(...) se refere especificamente à sujeição da mulher, e que singulariza a forma de direito político que todos os homens exercem pelo fato de serem homens. Se o problema não for nomeado, o patriarcado poderá muito bem ser habilmente jogado na obscuridade, (...) abandonar o conceito significaria a perda de uma história política que ainda está para ser mapeada".* (PATEMAN *apud* SAFFIOTTI, 2001, p. 24).

### Sobre o Conceito de Gênero

O conceito de gênero, por sua vez, é relacional. Ele lida com as interações humanas: simétricas ou assimétricas, hierárquicas ou igualitárias. Dizendo respeito à construção social dos masculinos e dos femininos, não determina *a priori* a existência de uma desigualdade inerente entre homens e mulheres; afinal, o gênero pode ser construído independentemente do sexo.

Porém, na compreensão de algumas feministas - e esta pode ser, segundo Saffioti (2004), a causa do impasse teórico entre os conceitos de gênero e patriarcado - existe uma hierarquia que privilegia o homem/masculino e que, ao longo do tempo, tem mantido a mesma intensidade, independentemente do período histórico analisado.

Em verdade, o conceito de gênero surgiu através de estudos feministas que, de acordo com Louro (2001), visavam dispensar o determinismo biológico implícito nos termos "sexo" e "diferença sexual", utilizados para justificar as desigualdades sociais entre homens e mulheres, remetendo-as exclusivamente às características biológicas. Para estas feministas, o conceito de gênero serviria tanto como instrumento analítico quanto político. Isto porque teria a capacidade de demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas sim as construções sociais que elas carregam (ou seja, a forma como estas características sexuais são representadas e valorizadas) que definem masculinos e femininos, e promovem a desigualdade entre homens e

mulheres. Sendo assim, se a desigualdade entre os sexos é construída socialmente, seria possível reverter o quadro de dominação masculina.

Saffiotti define gênero tanto como uma categoria analítica quanto uma categoria histórica, destacando que J. Scott foi uma autora que:

*“percorreu meandros de gênero em sua forma substantiva, enquanto categoria histórica. Com efeito, sua primeira proposição estabelece: “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos (segunda: e gênero é um modo primordial de significar relações de poder)”. (...) E tem como conseqüência que, ... gênero envolve quatro elementos interrelacionados: primeiro, símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas (e frequentemente contraditórias) (...) Segundo, conceitos normativos que estabelecem interpretações dos significados dos símbolos, que tentam limitar e conter suas possibilidades metafóricas. (...) esta espécie de análise deve incluir uma noção política e referencia a instituições e organizações sociais - o terceiro aspecto das relações de gênero. (...) O quarto aspecto do gênero é a identidade subjetiva.”* (SCOTT apud SAFFIOTTI, 2001, p. 09)

Apesar de afirmar que o artigo de Scott evidencia algumas ambigüidades da autora, ainda em relação à sua definição de gênero, Saffiotti chama atenção para a colocação de que *“Gênero não carrega consigo uma afirmação necessária sobre a desigualdade ou poder nem nomeia a parte oprimida (...)”* (2001, p.10). Para Saffiotti, esta seria a maior vantagem do uso do conceito de gênero: ser mais amplo, deixando aberta a direção do vetor de dominação-exploração, tendo capacidade de explicar eventuais transformações, seja no sentido do vetor, seja na abolição da exploração/dominação.

Através de uma análise temporal, Louro (2001) e Piscitelli (2002) evidenciam que o conceito de gênero sofreu algumas transformações. A máxima da universalidade da dominação masculina passou a ser questionada, já que se pressupõe que em cada país, e em cada momento histórico, as relações de dominação se constroem de maneiras diversas. Louro (2001) chama atenção para o caráter pluralista do gênero, revelando a precariedade de uma polaridade rígida entre os gêneros, na verdade o pólo masculino conteria o feminino e vice-versa.

A desconstrução deste binarismo tem aberto espaço para a compreensão de diversas formas de masculinidades e feminilidades, dinamizando ainda mais o conceito de gênero, que passou a constituir mais uma das características identitárias dos sujeitos tal como a identidade racial, sexual, social etc.

Cabe ressaltar neste ponto que, assim como se deve estar atento à discussão teórica entre os conceitos de gênero e de patriarcado, é importante que se tenha atenção ao tratar de questões relacionadas às violências doméstica, intra-familiar ou conjugal. Existem entre elas

algumas diferenças importantes, apesar da confluência nos âmbitos em que ocorrem. Deve-se lembrar que a primeira é a mais abrangente, e que da mesma forma como ocorre com o conceito de gênero, não está pré-determinado que nestes tipos de violência o agressor seja sempre homem e a vítima sempre mulher.

Entretanto, inúmeros estudos sobre o tema apontam o fato de que as mulheres são mais vítimas, principalmente em relação a agressões físicas. Como aponta Grossi (1994), estudos realizados em Delegacias da Mulher evidenciam que o Brasil aparece como país recorde de violação dos direitos humanos das mulheres. De acordo com o “Balanço sobre esforços e atividades dirigidas a erradicar a violência contra as mulheres na América Latina e Caribe”:

*“o custo social dessa violência reflete-se em dados concretos. (...) no Brasil, a cada 4 minutos uma mulher é agredida em seu próprio lar por uma pessoa com quem mantém relação de afeto; (...) registros nas delegacias especializadas de crimes contra a mulher demonstram que 70% dos incidentes acontecem dentro de casa e que o agressor é o próprio marido ou companheiro; mais de 40% das violências resultam em lesões corporais graves decorrentes de socos, tapas, chutes, amarramentos, queimaduras, espancamentos e estrangulamentos; e essa violência custa ao país 10,5% do seu PIB.”* (2003, p.40)

De acordo com o *Dossiê Violência Contra a Mulher. Panorama sobre a violência de gênero* (2001), anualmente, um número entre 3 e 4 milhões de mulheres são agredidas em suas residências por pessoas íntimas. O dossiê mostra ainda que uma pesquisa coordenada por Saffiotti (1994) chegou à conclusão de que existe um alto padrão de violência e agressividade nos conflitos entre pessoas com laços conjugais em São Paulo: 11% dos entrevistados disseram já ter sido vítima de violência conjugal, destes 64% eram mulheres e 36% homens.

Para Belo Horizonte, de acordo com a Pesquisa de Vitimização (CRISP, 2002), também se verificou predominância da vitimização feminina principalmente em relação às agressões mais intensas, com maior uso e abuso da força física. O tópico seguinte trará informações mais detalhadas sobre a vitimização doméstica/conjugal na cidade de BH, tendo-se como referência o ano de 2001.

### **A Vitimização Doméstica/Conjugal em Belo Horizonte**

A Pesquisa de Vitimização de Belo Horizonte (CRISP, 2002) contou com uma bateria de 19 questões aplicadas a maiores de quinze anos que tiveram pelo menos um parceiro nos últimos trinta dias anteriores a entrevista.

Para facilitar o estudo e impedir que números de casos absolutos reduzidos o inviabilizassem, as variáveis foram divididas em duas categorias: *Mediação de Conflito e Violência Doméstica - Agressão*. Cada uma destas categorias incorporou variáveis com graus de gravidade semelhantes.

Tabela 1 - Categorias de Violência Doméstica /  
Reações dos Parceiros em Momentos de Brigas e Discussões

| Categoria: Mediação de Conflito | Frequência |          |       | Percentual |          | Taxa/100mil habitantes |          |
|---------------------------------|------------|----------|-------|------------|----------|------------------------|----------|
|                                 | Homens     | Mulheres | Total | Homens     | Mulheres | Homens                 | Mulheres |
| Discutiu calmamente             | 943        | 998      | 1941  | 48,58      | 51,42    | 132,60                 | 120,63   |
| Procurou informações            | 679        | 688      | 1367  | 49,67      | 50,33    | 95,48                  | 83,16    |
| Trouxe alguém para ajudar       | 136        | 133      | 269   | 50,56      | 49,44    | 19,12                  | 16,08    |
| Ficou emburrado                 | 695        | 719      | 1414  | 49,15      | 50,85    | 97,73                  | 86,91    |
| Retirou-se do quarto            | 290        | 386      | 676   | 42,90      | 57,10    | 40,78                  | 46,66    |
| Chorou                          | 524        | 289      | 813   | 64,45      | 35,55    | 73,68                  | 34,93    |
| Total                           | 3267       | 3213     | 6480  | 50,41      | 49,59    | x                      | x        |

| Categoria: Violência Doméstica - Agressão | Frequência |          |       | Percentual |          | Taxa/100mil habitantes |          |
|---|------------|----------|-------|------------|----------|------------------------|----------|
|   | Homens     | Mulheres | Total | Homens     | Mulheres | Homens                 | Mulheres |
| Xingou insultou                           | 361        | 360      | 721   | 50,07      | 49,93    | 50,76                  | 43,51    |
| Fez/disse coisas para irritar             | 442        | 592      | 1034  | 42,75      | 57,25    | 62,15                  | 71,56    |
| Ameaçou bater, jogar coisas               | 92         | 123      | 215   | 42,79      | 57,21    | 12,94                  | 14,87    |
| Destruiu, jogou objetos                   | 71         | 116      | 187   | 37,97      | 62,03    | 9,98                   | 14,02    |
| Jogou coisas em você                      | 43         | 44       | 87    | 49,43      | 50,57    | 6,05                   | 5,32     |
| Empurrou, agarrou você                    | 98         | 112      | 210   | 46,67      | 53,33    | 13,78                  | 13,54    |
| Deu tapa ou bofetada                      | 51         | 73       | 124   | 41,13      | 58,87    | 7,17                   | 8,82     |
| Chutou, mordeu, deu murro                 | 48         | 48       | 96    | 50,00      | 50,00    | 6,75                   | 5,80     |
| Bateu, tentou com objetos                 | 30         | 28       | 58    | 51,72      | 48,28    | 4,22                   | 3,38     |
| Espancou                                  | 6          | 29       | 35    | 17,14      | 82,86    | 0,84                   | 3,51     |
| Estrangulou, sufocou                      | 5          | 10       | 15    | 33,33      | 66,67    | 0,70                   | 1,21     |
| Ameaçou com faca, arma                    | 12         | 21       | 33    | 36,36      | 63,64    | 1,69                   | 2,54     |
| Usou faca, arma                           | 7          | 12       | 19    | 36,84      | 63,16    | 0,98                   | 1,45     |
| Total                                     | 1266       | 1568     | 2834  | 44,60      | 55,40    | x                      | x        |

Nesta tabela estão somadas as respostas afirmativas para cada pergunta (aconteceu uma vez + aconteceu mais de uma vez) de modo que os resultados dizem respeito a pessoas vitimadas, pelo menos uma vez, no último ano.

Foi perguntado ao entrevistado(a) se, nos últimos doze meses, nas discussões e brigas entre ele(a) e o parceiro(a), este(a) reagiu tomando alguma das seguintes atitudes descritas no quadro a seguir, que apresenta ainda as frequências, percentuais e taxas das agressões sofridas de acordo com o sexo das vítimas:

As seis primeiras variáveis foram classificadas como *Mediação de Conflito*, uma vez que as reações nos momentos de desentendimento não configuravam agressões. As variáveis dessa categoria foram consideradas como reações, que buscavam mais o diálogo e a ajuda para resolver o conflito que causar danos físicos, morais ou psicológicos à pessoa para quem a reação fora dirigida. Nesta categoria houve equilíbrio nas reações de homens e mulheres, em quase todas as respostas, à exceção de duas:

- *Retirou-se do quarto* para qual 57,10% das mulheres disseram que o parceiro reagiu desta forma.
- E *Chorou* para qual 64,45% dos homens disseram que a parceira reagiu desta forma.

Do total de pessoas que foram receptoras dos tipos de reação que formam a categoria *Mediação de Conflito* 50,41% eram homens e 49,59% eram mulheres. Parece-nos que os dados acima poderiam indicar dois tipos distintos de comportamentos/

atitudes de gênero diante de situações onde se pretende mediar o conflito e evitar a escalada para agressões. Os homens apresentam um comportamento socialmente sancionado de "retirada", com intuito de interrupção da discussão; enquanto as mulheres por sua vez, recorrem à outra atitude, sancionada ao feminino em nossa sociedade, que é "chorar". Evidencia-se que metade da amostra interrompe, com atitudes claramente diferenciadas entre os sexos, a escalada da violência quando em situações de conflito.

Na categoria denominada *Violência Doméstica - Agressão*, formada pelas outras 12 variáveis, na qual ocorreram reações agressivas de intensidade crescente, a vitimização entre mulheres foi maior em todas as variáveis exceto em duas:

- O parceiro: *Xingou, insultou*, nesta variável 50,07% das vítimas foram homens.
- O parceiro: *Bateu, tentou bater com objetos*, nesta variável 51,72% das vítimas foram homens.

Entretanto, as mulheres foram:

- 82,86% das vítimas de *Espancamentos*;
- 66,67% das vítimas de *Estrangulamento e sufocamento*;
- 63,64% das vítimas de *Ameaças com faca ou arma*;
- 63,16% das vítimas com *Uso de faca ou arma*.

Do total de vítimas da categoria *Violência Doméstica — Agressão*, 55,40% eram mulheres. Ou seja, de fato fica claro que a violência doméstica/conjugal que se dá através de agressões no plano da força física inside mais sobre as mulheres.

Outra importante maneira de analisar dados sobre violência é a observação das taxas do fenômeno. Desta forma é possível controlar os efeitos das diferenças populacionais, possibilitando comparação. A partir de uma taxa por 100 mil habitantes, confirma-se que a vitimização feminina é maior, principalmente nas agressões intensas relacionadas ao uso de força física ou de arma. É expressiva a diferença na taxa de *Espancamento*: 0,84 por 100 mil habitantes entre os homens contra 3,51 por 100 mil habitantes entre as mulheres. Nas *Ameaças com faca ou arma*, a taxa entre os homens foi de 1,69 e entre as mulheres de 2,54 por 100 mil habitantes. A taxa de *Uso de faca ou arma* contra homens foi de 0,98 e de 1,45 por 100 mil contra mulheres.

Ainda utilizando a divisão das variáveis nas categorias *Mediação de Conflito e Violência Doméstica - Agressão*, foi criado um *Índice de Violência Doméstica*, que agrupou variáveis levando-se em conta a semelhança da gravidade da agressão bem como as frequências com que os eventos ocorreram. Assim sendo, o índice criado opera com duas grandezas: a) a frequência da ocorrência (uma vez ou mais) e b) um aumento na gravidade da violência perpetrada como se observa nas tabelas a seguir:

Tabela 2 - Variáveis Componentes do Índice de Mediação de Conflito e Violência Doméstica

| Grau                |             | Grau Questões (reação/atitude dos parceiros)   | Peso I          | Peso II                                       | Peso III                      |
|---------------------|-------------|--|-----------------|---|-------------------------------|
| Mediação            | Negociação  | Vd3.1 (discutiu o problema calmamente); Vd2.2 (procurou informações para entender) e Vd2.3 (trouxo alguém para acalmar)  | Não Aconteceu=0 | Aconteceu (Aconteceu + aconteceu uma vez)=0,5 | Aconteceu mais de uma vez=1,0 |
|                     | Desistência | Vd2.5 (ficou emburrado); Vd2.6 (retirou-se) e Vd2.7 (chorou)   | Não Aconteceu=0 | Aconteceu (Aconteceu + aconteceu uma vez)=0,5 | Aconteceu mais de uma vez=1,0 |
| Violência doméstica | Ameaça      | Vd2.4 (xingou ou insultou); Vd2.8 (fez ou disse coisas para irritar) e Vd2.9 (ameaçou bater ou jogar coisas)   | Não Aconteceu=0 | Aconteceu (Aconteceu + aconteceu uma vez)=0,5 | Aconteceu mais de uma vez=1,0 |
|                     | Grau I      | Vd2.10 (destruiu, bateu, jogou, chutou objetos); Vd2.11 (jogou coisas); Vd2.12 (empurrou, agarrou) e Vd2.15 (bateu ou tentou bater com objetos)  | Não Aconteceu=0 | Aconteceu (Aconteceu + aconteceu uma vez)=0,5 | Aconteceu mais de uma vez=1,0 |
|                     | Grau II     | Vd2.13 (deu tapa ou bofetada); Vd2.14 (chutou, mordeu ou deu murro); Vd2.16 (espancou); Vd2.17 (estrangulou ou sufocou); Vd2.18 (ameaçou com faca ou arame) e Vd2.19 (usou faca ou arma) | Não Aconteceu=0 | Aconteceu (Aconteceu + aconteceu uma vez)=0,5 | Aconteceu mais de uma vez=1,0 |

OBS: é importante enfatizar que o índice criado opera com duas grandezas: a) a frequência da ocorrência (uma vez ou mais) e b) um aumento na gravidade da violência perpetrada

Tabela 3 - Estatísticas Descritivas: Índices Criados

|                   | N    | Varição | Mínima | Máxima | Media  | Desvio Padrão |
|-------------------|------|---------|--------|--------|--------|---------------|
| Índice de Ameaça  | 1227 | 0,0045  | 0,0075 | 0,2215 | 0,1233 | 0,0671        |
| Índice de Grau I  | 304  | 0,0004  | 0,0039 | 0,073  | 0,0324 | 0,0188        |
| Índice de Grau II | 160  | 0,0003  | 0,0034 | 0,0659 | 0,0288 | 0,0174        |

Fonte: Pesquisa de Vitimização em Belo Horizonte, CRISP/2002.

Como as variáveis de *Mediação de Conflito* não constituem reações geradoras de vitimização, será priorizada agora a categoria *Violência Doméstica-Agressão*, que caracteriza a violência doméstica propriamente, traçando-se o perfil das vítimas de acordo com sexo, idade, raça/cor e nível de escolaridade.

## A Vitimização Conjugal Violenta em BH

Antes de iniciar a descrição do perfil das vítimas de violência doméstica em Belo Horizonte é importante salientar que testes de regressão linear entre as categorias de *Ameaça e Grau I* e as variáveis *Sexo, Faixa Etária, Raça, e Escolaridade*, e a categoria de *Grau II* e as *Variáveis Faixa Etária, Raça, e Escolaridade* não evidenciaram nenhuma correlação significativa. Entretanto, no caso do *Grau II*, foi detectada uma correlação positiva com o *sexo*. Apesar de ser fraca ( $R=0,185$ ), a correlação indica que as mulheres foram mais vitimizadas nesse Grau.

Tabela 4 - Correlação entre Vítimas do "Sexo Feminino" e a Categoria "Violência Doméstica de Grau II"

| Modelo I      | Coeficiente Padronizado d |               |       | Teste t |
|---------------|---------------------------|---------------|-------|---------|
|               | B                         | Desvio Padrão | Beta  |         |
| Constante     | 0,19                      | 0,004         |       | 4,307   |
| Sexo Feminino | 0,006                     | 0,003         | 0,185 | 2,369   |

Fonte: Pesquisa de Vitimização em Belo Horizonte, CRISP/2002.

Através de uma regressão logística também foi evidenciada uma forte correlação entre o sexo e a variável referente a *espancamento*. Observou-se que as mulheres têm 4,546 vezes mais chances de serem vítimas de espancamentos:

Tabela 5 - Chances de Sofrer Espancamentos por Sexo da Vítima

| Regressão | Beta  | Desvio Padrão | Wald   | Graus de Liberdade | Significância Observada | Exponencial (b) |
|-----------|-------|---------------|--------|--------------------|-------------------------|-----------------|
| Constante | -5,77 | 0,42          | 188,55 | 1                  | 0                       | 0,003           |
| Sexo      | 1,514 | 0,46          | 10,849 | 1                  | 0,001                   | 4,546           |

\*Na Regressão Logística a variável sexo teve como referência valor 1 para masculino e valor 2 para feminino.

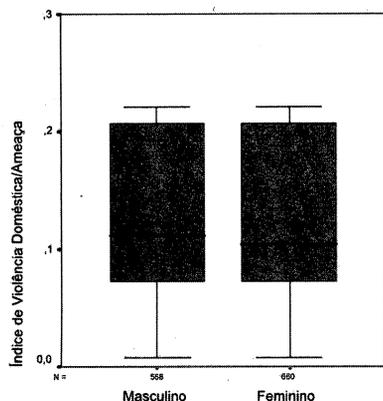
Fonte: Pesquisa de Vitimização em Belo Horizonte, CRISP/2002.

Ainda que a correlação entre as categorias *Ameaça, Grau I e Grau II* e as variáveis *Sexo, Faixa Etária, Raça, e Escolaridade (com exceção da variável sexo e Grau II)* não tenham sido estatisticamente relevantes, sua descrição é de grande importância para que se tenha delineado o comportamento do fenômeno da violência doméstica conjugal em BH, no ano de 2001<sup>1</sup>.



## Perfil das Vítimas de Ameaça

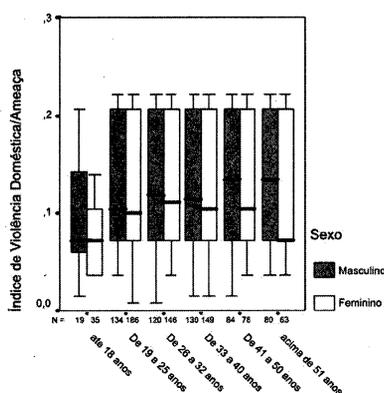
Gráfico 1 - Relação entre Vitimização do tipo Ameaças por Sexo das Vítimas



Fonte: Pesquisa de Vitimização em Belo Horizonte, CRISP/2002.

A distribuição das vítimas de ameaça de acordo com o sexo é semelhante. Tanto para homens quanto mulheres a mediana fica em torno de 0,1 no Índice de Violência Doméstica. A maior parte das vítimas está concentrada entre valores de 0,1 e 0,2.

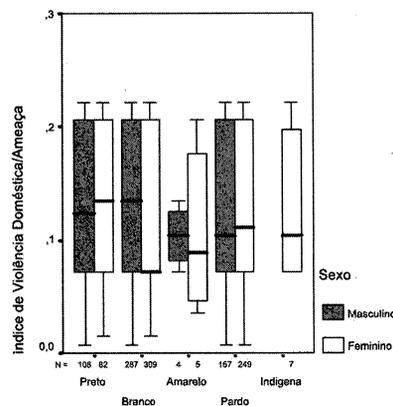
Gráfico 2 - Relação entre Vitimização do tipo Ameaças por Faixa Etária e Sexo das Vítimas



Fonte: Pesquisa de Vitimização em Belo Horizonte, CRISP/2002.

Um primeiro ponto a destacar em relação à faixa etária das vítimas de ameaças é que, em todas as faixas, a mediana dos homens está em ponto pouco superior à das mulheres, sendo que esta diferença se acentua nas duas últimas faixas etárias. Ou seja, de uma forma geral, os homens sofrem um pouco mais de ameaças de vitimização que as mulheres, ameaças estas que se intensificam ligeiramente com o avançar da idade. Em segundo lugar, a faixa até 18 anos possui uma distribuição significativamente diferente das outras faixas, (que são bastante semelhantes entre si). Os homens vitimados nesta faixa aparecem com índice <0,1 chegando até aproximadamente 0,15. Já as mulheres aparecem em nível ainda mais baixo no índice, atingindo o ponto máximo em 0,1.

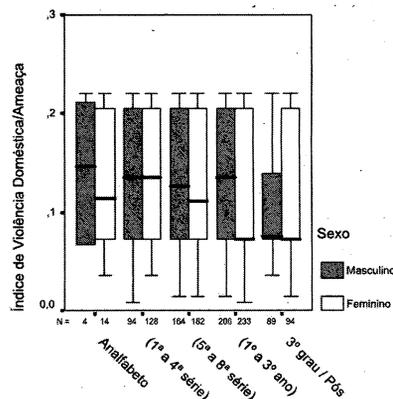
Gráfico 3 - Relação entre Vitimização do tipo Ameaças por Cor/Raça e Sexo das Vítimas



Fonte: Pesquisa de Vitimização em Belo Horizonte, CRISP/2002.

Quanto à cor ou raça das vítimas é importante destacar que, com exceção de amarelos e indígenas, todas as demais categorias aparecem com índice que varia entre 0,08 e 0,2. No caso de pretos e pardos a mediana feminina é levemente superior à masculina. Entre os brancos cabe ressaltar que todas as vítimas mulheres alocam-se acima da mediana, ou seja, todas concentram-se em valores maiores que aquele que divide a amostra ao meio. Entre as vítimas que se classificaram como amarelas, as mulheres aparecem de maneira mais distribuída, com índice variando entre valores em torno de 0,05 e 0,17, enquanto os homens se concentram no índice entre 0,09 e 0,13. Desse modo, percebe-se que cor/raça não parece fator de influência significativo na vitimização doméstica violenta.

Gráfico 4 - Relação entre Vitimização do tipo Ameaças por Escolaridade e Sexo das Vítimas



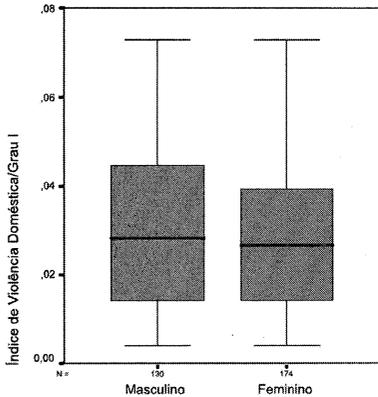
Fonte: Pesquisa de Vitimização em Belo Horizonte, CRISP/2002.

Quanto à escolaridade das vítimas de ameaça, interessa destacar que em todas as categorias as vítimas de sexo feminino concentram-se em valores acima da mediana. Nas escolaridades equivalentes aos 2º e 3º graus todas estão acima da mediana. Entretanto, as medianas são maiores para as vítimas do sexo masculino, mantendo um índice em torno de 0,14. É importante salientar que a vitimização doméstica/conjugal via ameaças ocorre, com mais intensidade, entre pessoas com escolaridade equivalente ao 3º grau ou pós-graduação. Isto evidencia que, contrariando o senso comum, uma escolaridade alta e o acesso

a informações não está diretamente relacionada a um comportamento menos violento no que se refere às ameaças entre parceiros.

### Perfil das Vítimas de Grau I

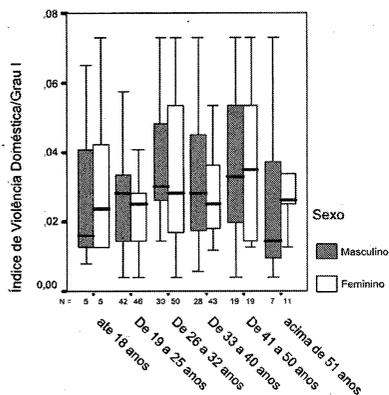
Gráfico 5 - Relação entre Vitimização de Grau I por Sexo das Vítimas



Fonte: Pesquisa de Vitimização em Belo Horizonte, CRISP/2002.

No caso das agressões classificadas como Grau I existe certo equilíbrio entre homens e mulheres. Porém, percebe-se que a mediana dos homens é um pouco superior à das mulheres, o mesmo ocorre com a distribuição no índice em torno de 0,015 e 0,043 para homens e 0,015 e 0,038 para mulheres. Podemos, portanto, concluir que, de um modo geral, tanto mulheres quanto homens têm reações nas quais são utilizados principalmente objetos para tentar agredir ou agredir o companheiro (a), durante brigas e discussões.

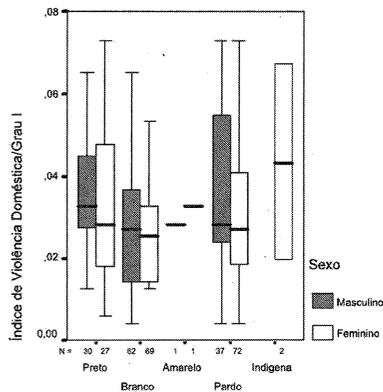
Gráfico 6 - Relação entre Vitimização de Grau I por Faixa Etária e Sexo das Vítimas



Fonte: Pesquisa de Vitimização em Belo Horizonte, CRISP/2002.

A vitimização de Grau I se dá de maneira bastante heterogênea nas faixas etárias. Nas faixas: até 18 anos; de 26 a 32 anos e de 41 a 50 anos a amplitude da distribuição no índice é maior para o sexo feminino. O contrário ocorre nas faixas de 19 a 25 anos; de 33 a 40 anos e acima de 50 anos, não sendo possível identificarmos algum padrão diferente entre os sexos.

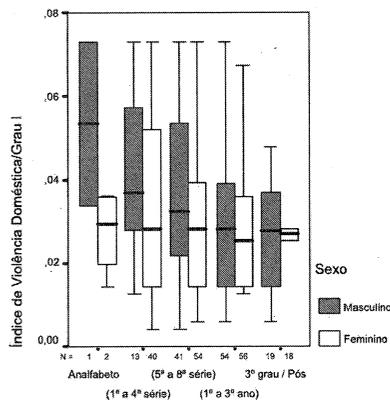
Gráfico 7 - Relação entre Vitimização de Grau I por Cor/Raça e Sexo das Vítimas



Fonte: Pesquisa de Vitimização em Belo Horizonte, CRISP/2002.

Quanto à raça das vítimas de Grau I é importante destacar a inexistência de vítimas que se declararam amarelos e também de vítimas do sexo masculino que se declararam indígenas. As mulheres indígenas tiveram a maior amplitude no índice que variou em torno de 0,02 e 0,065. Entre os pretos, a mediana masculina teve valor superior à mediana feminina. Entretanto, as mulheres pretas atingiram um índice maior que o dos homens: 0,046, e 0,043 respectivamente. Brancos e pardos do sexo masculino possuem a mediana maior que a do sexo feminino, bem como apresentam índices maiores, aproximadamente 0,036 e 0,042 respectivamente.

Gráfico 8 - Relação entre Vitimização de Grau I por Escolaridade e Sexo das Vítimas



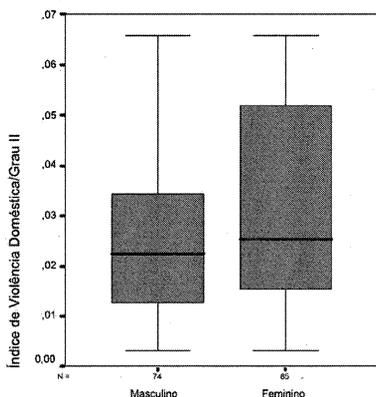
Fonte: Pesquisa de Vitimização em Belo Horizonte, CRISP/2002.

A distribuição da vitimização de Grau I é semelhante entre os sexos para a escolaridade de 1º grau. Entre os homens, o índice varia em torno de 0,025 e 0,056; entre as mulheres o índice varia entre 0,015 e 0,053 (de 1ª a 4ª série) e de 0,015 a 0,039 (de 5ª a 8ª série). Destacam-se os valores encontrados para vítimas analfabetas e de 3º grau. Homens analfabetos atingiram o maior Índice de Violência Doméstica no Grau I, aproximadamente 0,074. Entre as mulheres analfabetas o valor máximo atingido no índice foi aproximadamente 0,019, sinalizando que, com-

parando os 2 sexos, os homens analfabetos são mais vitimados no Grau I. Entre as vítimas com 3º grau ou pós graduação, há uma predominância de vitimização masculina com índice que chega a 0,036. Entre as mulheres o índice variou entre 0,028 e 0,031. Neste caso, cabe destacar que o aumento da escolaridade refletiu-se em menor vitimização, principalmente entre as mulheres. Com relação às medianas cabe destacar que elas são maiores para vítimas de sexo masculino em todas as escolaridades.

### Perfil das Vítimas de Grau II

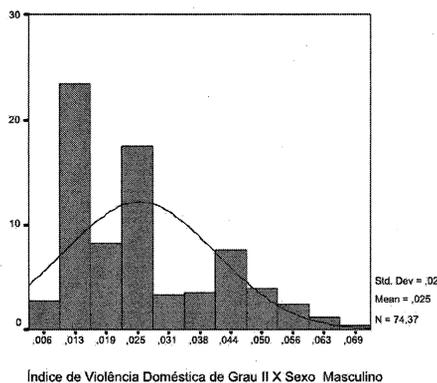
Gráfico 9 - Relação entre Vitimização de Grau II por Sexo das Vítimas



Fonte: Pesquisa de Vitimização em Belo Horizonte, CRISP/2002.

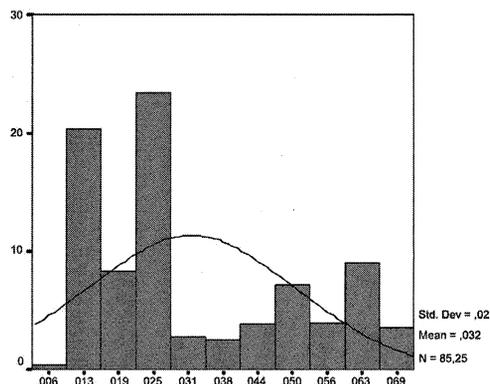
Se nos outros graus observava-se equilíbrio de vitimização entre os sexos, no caso do Grau II, que agrupa as agressões mais fortes, capazes até de gerar lesões corporais graves, ou a morte, a predominância das mulheres é clara. Enquanto a distribuição dos homens no índice varia entre aproximadamente 0,014 e 0,034, a das mulheres varia entre 0,016 e 0,051. Ou seja, há entre as mulheres uma amplitude consideravelmente superior, agravada pelo fato de que o valor mínimo é superior ao encontrado entre as vítimas do sexo masculino. Além disso, a mediana das mulheres é levemente superior à dos homens, sendo que a maior parte das vítimas do sexo feminino se encontra acima da mediana. Esta concentração da vitimização feminina nos pontos mais elevados do índice pode ser melhor observada nos histogramas a seguir:

Gráfico 10 - Vitimização de Grau II X Sexo Masculino



Fonte: Pesquisa de Vitimização em Belo Horizonte, CRISP/2002.

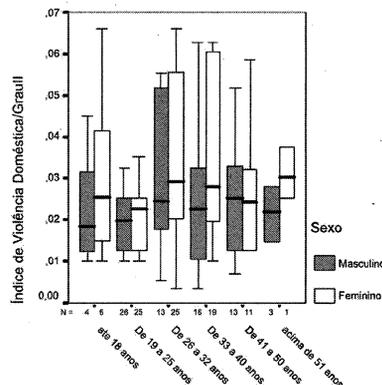
Gráfico 11 - Vitimização de Grau II X Sexo Feminino



Fonte: Pesquisa de Vitimização em Belo Horizonte, CRISP/2002.

Vale ressaltar ainda, que o teste de Qui-quadrado (95% de confiabilidade) indicou uma associação significativa de 0,039 entre a variável sexo e o Índice de Violência Doméstica de Grau II.

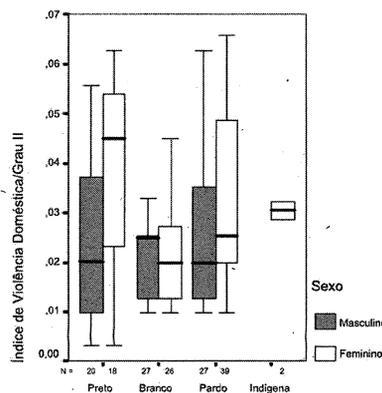
Gráfico 12 - Relação entre Vitimização de Grau II por Faixa Etária e Sexo das Vítimas



Fonte: Pesquisa de Vitimização em Belo Horizonte, CRISP/2002.

Quanto à faixa etária destaca-se que as mulheres com idade entre 33 e 40 anos foram as vítimas de maior índice, chegando a aproximadamente 0,06. Nesta faixa etária, os homens vitimados se distribuíram entre valores aproximados de 0,01 e 0,032. Na faixa etária entre 26 e 32 anos mulheres e homens quase se equiparam chegando a 0,057 e 0,053 pontos, respectivamente. Neste Grau, tanto na faixa até 18 anos quanto na faixa acima de 51 anos as mulheres apresentaram índices bem mais elevados.

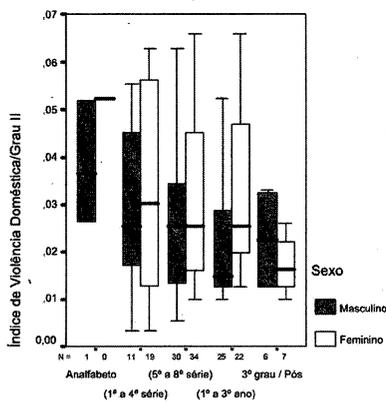
Gráfico 13 - Relação entre Vitimização de Grau II por Cor/Raça e Sexo das Vítimas



Fonte: Pesquisa de Vitimização em Belo Horizonte, CRISP/2002.

As mulheres aparecem, também, com índices maiores de vitimização nas categorias preto e pardo. Entre as vítimas brancas esta diferença é menor, mas ainda persiste. Porém, deve-se destacar que todos os homens brancos concentram-se em valores abaixo da mediana enquanto que no caso das mulheres brancas isso acontece apenas com a metade. As mulheres pretas foram as que atingiram maior pontuação no índice, aproximadamente 0,055. Cabe salientar que, nesse caso, existe uma diferença acentuada entre a vitimização de brancos por um lado, e pretos e pardos por outro. Os primeiros apresentam índices bem menores que os últimos, sugerindo-nos, aqui, que raça é um elemento importante para a vitimização doméstica mais grave.

Gráfico 14 - Relação entre Vitimização de Grau II por Escolaridade e Sexo das Vítimas



Fonte: Pesquisa de Vitimização em Belo Horizonte, CRISP/2002.

Quanto à escolaridade, um ponto importante é o fato de que não foram registradas vítimas analfabetas de sexo feminino. Entretanto, homens analfabetos apresentam uma distribuição expressiva no índice que vai de aproximadamente 0,028 a 0,053. O valor máximo do índice em relação à escolaridade foi atingido pelas mulheres de 1ª a 4ª série, com um valor aproximado de

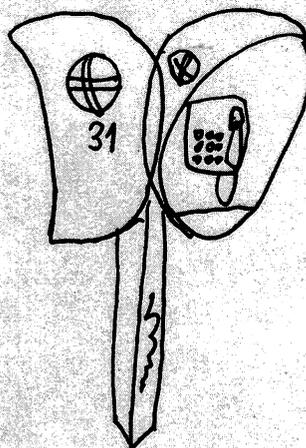
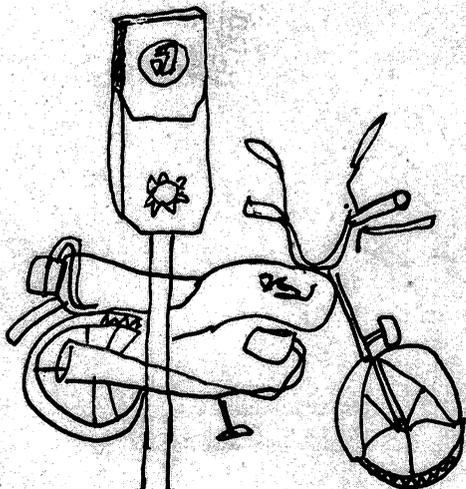
0,055. A vitimização atinge valores consideravelmente superiores entre as mulheres de 5ª a 8ª série e 2º grau. Já no caso de vítimas com 3º grau ou pós-graduação, os homens apresentam índice mais elevado, voltando a desmistificar o senso comum de que conhecimento seria um "filtro" a graus avançados de vitimização. É também importante registrar que, neste caso, surge a vitimização masculina.

### Os Dados Oficiais X A Realidade

Os dados apresentados mostram que a vitimização doméstica/conjugal aumenta consideravelmente entre as mulheres quanto maior é a gravidade da agressão sofrida, principalmente quando ocorrem espancamentos, ameaças e uso efetivo de facas e/ou armas.

Através de uma comparação entre dados oficiais sobre violência doméstica (geradoras de "lesão corporal") obtidos nos registros do Anuário Estatístico da Polícia Civil de Minas Gerais/2001, e aqueles obtidos na Pesquisa de Vitimização de Belo Horizonte/2002, foi determinada a chamada **cifra oculta** deste tipo de crime. A "cifra oculta" seria a diferença entre o número de crimes oficialmente relatados e aqueles computados no survey. Sua determinação é de extrema importância, já que um dos objetivos principais dos estudos de vitimização é, justamente, chegar a um número de ocorrências mais próximo do real, pois sabemos que, muitas ocorrências não são denunciadas.

Para Chegarmos à **cifra oculta** com relação a agressões que configurariam lesão corporal (de acordo com uma definição própria) em Belo Horizonte no ano de 2001 foi utilizado um fator de extrapolação que permite que o número de casos absolutos encontrados na amostra seja extrapolado para a população total. As variáveis da Pesquisa de Vitimização que, segundo definição própria, seriam causadoras de lesão corporal e que



por isso foram utilizadas para o cálculo da *cifra oculta* foram: *Destruiu, bateu jogou objetos; Jogou coisas; Empurrou, agarrou; Deu tapa, bofetada; Chutou, mordeu; Bateu, tentou bater; Espancou; Estrangulou; sufocou e Usou faca ou arma.*

Assim, para Belo Horizonte no ano de 2001, falando especificamente sobre agressões que configurariam lesão corporal temos uma diferença de 98,67% entre registros oficiais e números de vítimas encontradas na pesquisa. Ou seja, apenas 1,33% das ocorrências daquele ano teriam sido denunciadas à polícia.

Tabela 6 - "Cifra Oculta" de Lesão Corporal derivada de Violência Doméstica Conjugal em Belo Horizonte - 2001

| Dados de Vitimização (Lesão Corporal/Extrapolada) | Dados Delegacias (LESÃO CORPORAL) | Diferença (%)    |
|---|-----------------------------------|------------------|
| 333.427   | 4.434 (1,33%)                     | 328.993 (98,67%) |

Fonte: Pesquisa de Vitimização em Belo Horizonte, CRISP/2002 e Anuário estatístico da Polícia Civil de MG/2001.

## Conclusão

Como apontam os estudos sobre violência doméstica/conjugal, a cidade de Belo Horizonte não foge à regra: mulheres são efetivamente mais vitimizadas, principalmente quando existe uso de força física. Além disso, a grande maioria dos casos não chegam a ser denunciados a polícia, o que certamente contribui para a re-vitimização. Entretanto, os dados apontam que em níveis de violência de menor intensidade como ameaças,

arremesso de objetos e tentativas de agressão física, surge uma incidência maior de vítimas do sexo masculino, principalmente entre jovens até 18 anos, idosos acima de 51 anos e homens de alta escolaridade. Estes dados merecem estudos mais aprofundados tanto em termos quantitativos quanto qualitativos.

É importante ressaltar que o recorte temporal (último ano anterior a entrevista - 2001) e a faixa etária englobada pelo *survey* (acima de 15 anos) pode ter deixado de fora pessoas que já passaram por situação de agressão conjugal há mais tempo e, também, pessoas que possuem parceiros apesar de serem menores que quinze anos.

Entretanto, ainda que possuam algumas limitações, os dados apresentados deixam clara a extensão e gravidade do problema, salientando a necessidade de que se produzam outros estudos e, principalmente, políticas públicas que visem à redução de situações de violência/dominação no lar. Além disso, abre espaço para que sejam propostas pesquisas de cunho mais qualitativo, que possam trabalhar especificamente a influência cultural sobre a definição dos gêneros feminino e masculino; bem como a estrutura patriarcal a que ainda estamos expostos e que influenciam o comportamento de vítimas e agressores deste tipo de violência, contribuindo para sua configuração.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEATO, Cláudio C, ANDRADE, Mônica V, PEIXOTO, Betânia T. (2004), "Crime, oportunidade e vitimização". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 55:73-84.
- CLADEM / UNIFEM. (2003), *Balanco sobre esforços e atividades dirigidas a erradicar a violência contra as mulheres na América Latina e Caribe*.
- CHAUÍ, Marilena. (1985), "Participando do debate sobre mulher e violência". *Perspectivas Antropológicas da Mulher: sobre mulher e violência*, 4. Rio de Janeiro, Zahar
- CRISP. (2003), *Atlas de Criminalidade de Belo Horizonte. Diagnósticos perspectivas e sugestões de programas de controle*. Belo Horizonte.
- REDE FEMINISTA DE SAÚDE. (2001), *Dossiê Violência Contra a Mulher. Panorama sobre a violência de gênero*.
- GROSSI, M. P. (1994), "Novas/Velhas Violências Contra a Mulher no Brasil". *Estudos Feministas*, 2: 473-483.
- LOURO, Guacira Lopes. (2001), *Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista*. 4ª edição, Petrópolis, Vozes.
- NJANE et. al. (1999), *A produção da (dês)informação sobre violência: análise de uma prática discriminatória*.
- PESQUISA NACIONAL 2001 - Núcleo de Opinião pública. (2001), *A mulher brasileira nos espaços públicos e privado*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo.
- PISCITELLI, Adriana. (2002), "Recriando a (categoria) mulher?". in Leila Algranti, (org), *A prática feminista e o conceito de gênero*. Textos Didáticos, Campinas, IFCH-Unicamp.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. (2001), *Gênero e Patriarcado*. Manuscrito
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. (2004), *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo.
- SIEGEL, Larry J. (2004), *Criminology The Core*. 2ª Edição, Belmont-CA, Thomson Wadsworth.
- WELZER-LANG, Daniel. (2001), "A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia". *Estudos Feministas*, 9: 460-482.